

### Igreja Batista do Méier

Rua Hermengarda, 31 - RJ  
Cep 20710-010

Telefax: (21) 2599-3000

Site: [www.batistadomeier.org.br](http://www.batistadomeier.org.br)

email: [igreja@batistadomeier.org.br](mailto:igreja@batistadomeier.org.br)

Organizada em 25 de dezembro de 1918.

#### Horários:

##### Domingos:

EBD - 8h, 9h15  
Cultos - 9h, 11h e 19h  
Secretaria 8h30/13h

##### Terças:

Cultos de Oração 6h30 e 14h

##### Quartas:

Quartas de Vida Plena, 19h30

*Os cultos e eventos são transmitidos ao vivo, gravados, fotografados e divulgados pelo site e redes sociais da igreja.*

#### MISSÃO

Chamados para Transformar Vidas

#### VISÃO

Ser uma família que celebra a vida com Cristo, que compartilha o amor de Deus e vive para fazer diferença no mundo em que está.

#### VALORES

Alegria, Amor, Comunhão, Discipulado, Fé, Hospitalidade, Humildade, Integridade, Maturidade, Palavra, Serviço

#### Pilares Ministeriais da IBMéier

**EKKLESIA** (Igreja) – Ser Povo de Deus, Corpo de Cristo, Morada do Espírito Santo.

**KOINONIA** (Comunhão) – Viver em comunhão a fim de compartilhar o amor de Deus.

**DIAKONIA** (Serviço) – Servir aos domésticos da fé e ao próximo por meio dos dons espirituais para supri-los em suas necessidades integrais.

**MARTIRYA** (Testemunho) – Proclamar o poder transformador de Deus em Cristo por meio do testemunho pessoal, de ações coletivas de evangelismo e do sustento da obra missionária local e no mundo.

#### Ministérios

Pastor João Reinaldo Purin Jr

##### Administração

Mary Ruth A. dos Santos Schulze

##### Adoração e Culto

Luis Armando de Oliveira

##### Comunhão

Rute Ferreira

##### Diaconal

Renato Antunes dos Santos

##### Ensino e Discipulado

Pr. Pedro Jorge

##### Evangelismo e Missões

Livia Fontes Farias

##### Arte

Luiz Menezes



[/ibmeier](#)



chamados para transformar vidas.



chamados para transformar vidas.

NÃO HÁ  
DEUS

VISTO &  
nãO VISTO

Dia de folga, compromisso com um dos netos. Ele, Nicolas, queria andar de *barrco* (já puxando pelo ‘r’ paulistano). Saímos em direção à Niterói; a viagem marítima é curta, mas o suficiente para matar a curiosidade. Fiquei devendo uma visita aos navios de guerra; no dia anterior, ele conheceu alguns de meus amigos oficiais da Marinha, e após explicação de que os navios não são apenas para uma guerra ficou o compromisso de visitação. Ao entrarmos na embarcação que faz o trajeto Praça XV-Niterói fez questão de ir na parte superior da embarcação, como eu já previa – a visão é melhor. O passeio traz lembranças da infância, quando ia com meu pai até a sala de máquinas das antigas barcas; ali ele trabalhava como maquinista, as escotilhas a centímetros das águas da Baía de Guanabara – “pura adrenalina”.



Na juventude era trajeto diário; morava lá, trabalhava e estudava cá – tempo de travessia era tempo oficial do cochilo. Mostrei-lhe a Escola Naval onde alguns de meus amigos, que ele conheceu, estudaram; ali eles aprenderam a pilotar os navios; mais informações ficaram para o futuro. Expliquei também a função de algumas embarcações que passaram por nós, bem como o que se fazia num navio-sonda que estava fundeado próximo à rota que utilizávamos. Logo nos deparamos com o “outro lado”, surgem os prédios da Universidade Federal Fluminense (UFF), do Campus Gragoatá; mais uma informação: ali foi onde o vovô estudou. Sempre faço menção de onde estudei para ele; o Miguel e a Eva estão na fila. Duas paixões e um significado de vida quero passar para eles: paixão pelos estudos e por Star Wars (essa é outra história) e o significado de vida que está em Cristo Jesus. Mais tarde lembrei-me de um episódio que vivi na UFF.

Estava ao final do curso de psicologia e meu estágio transcorria no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade; marcação cerrada por parte das secretárias, assinar folha de presença ao chegar e ao sair. Os atendimentos eram analisados pelos professores-supervisores; preservava-se o anonimato, mas tínhamos de expor as questões trazidas pelos pacientes, relatar o caminho que havíamos tomado e o porquê do caminho. Isso acontecia semanalmente, experiência enriquecedora. Uma vez por mês o desafio era bem maior: tínhamos uma reunião com todos os alunos estagiários e todos os professores-supervisores e ali apresentávamos o relatório de um dos casos acompanhados. Todos os presentes podiam opinar e perguntar. Bem, chegou o meu dia: apresentei o meu caso, o tipo de abordagem que fiz segundo a linha que eu escolhera, esperei os comentários e questionamentos. Um dos professores indagou sobre como eu podia estar estudando psicologia e ser um pastor. Era de conhecimento de minha turma e de alguns professores que eu atuava como Ministro de Ensino na Igreja Batista. Procurei mostrar que uma coisa era uma coisa e outra coisa era outra coisa, que não havia, como não há, impossibilidade de transitar pelos

dois saberes - teologia e psicologia. Sempre vi as ciências como complementares, não há uma ciência que, sozinha, dê conta da existência humana. Não indico aconselhamento pastoral para tratar de arritmia cardíaca, tão pouco indico cardiologista para quem experimenta crise existencial. O assunto rende, a tentativa é mostrar que crenças cristãs podem invalidar um trabalho profissional, até que uma das professoras muda o foco ao dizer: “nós estamos aqui para avaliar o procedimento de um estagiário e nada perguntamos sobre o apresentado, estamos discutindo sobre a fé e as crenças dele. Estamos revelando nosso preconceito?” Breve silêncio. Os intelectuais emudecem. Passemos a outro caso, outro estagiário, outro relatório. O assunto anterior morreu, foi enterrado sem velório. Uma boa recordação.

Os anos se passam e me deparo com uma instigante reflexão: - O ceticismo da fé: Deus, uma dúvida, uma certeza, uma distorção. Obra de um professor universitário, Rodrigo Silva. Conta ele a experiência de um colega que teve a defesa de seu doutorado interrompida por alunos e professores ateus; protestavam esses fora do auditório porque o doutorando havia escrito livros sobre o criacionismo e acreditavam ser um crime dar o título de doutor a um homem com crenças retrógradas. Acreditava Rodrigo que “eram provas, trabalhos e notas que aprovariam um acadêmico, e não suas crenças pessoais” (p. 38).

Converso com alguns universitários e parece que nos últimos anos a questão recrudescer, o rompante de céticos e ateus é lamentável, os intelectuais em suas cátedras abusam do espaço pedagógico. Acompanhe nosso autor: “Não é incomum ver em muitas faculdades professores céticos transformando alunos num público-alvo cativo. A sala de aula torna-se um púlpito e a atividade docente um meio catequético. Não estou falando



de um padre durante uma missa, e sim de um acadêmico cético que não aceita a religião na academia, mas usa várias aulas para convencer os alunos de que Deus não existe. Ora o que seria o tema da “não existência de Deus” senão um assunto religioso? Afinal devemos ou não trazer temas religiosos para a sala de aula? E se a resposta for positiva, por que trazer apenas um lado da moeda e negar o direito de apresentação do outro? Essa atitude pedagógica de negar religião na sala de aula e falar prodigamente da não existência de Deus é um contrassenso curricular” (p. 37). Vejo jovens criados segundo preceitos bíblicos abandonarem a fé convencidos de que foram “enganados” pelos pais e igreja; passam a crer naquilo que seus professores intelectuais proclamam.

Gosto da citação que Rodrigo Silva faz de Karl Kraus: “os alunos comem o que os professores digerem” (p. 38). Tais intelectuais defendem a pluralidade e diversidade enquanto você concorda com as ideias que professam; se você discorda é retrógrado, obscurantista, quem sabe um fascista (muito em voga hoje, mas isso é outra história). Canto com o salmista: “Os tolos dizem em seu coração: ‘Não há Deus’” (Salmo 14.1).

Pedro Jorge, Pr.